

Perspectiva, complexidade lexical e desenvolvimento psicolinguístico

Um estudo de narrativas da *História da Rã* em Português Europeu¹

Isabel Hub Faria²

1. Introdução

Encarada a produção linguística como a representação verbal de um outro tipo de representação do conhecimento, é natural que, no âmbito dos estudos que têm como objecto a produção verbal na sua dimensão linguística e pragmática, se multipliquem as tentativas de correlacionar as produções (representação textual) com os diversos factores sócio-culturais e neuropsicológicos mais directamente implicados na forma como percebemos, categorizamos, e armazenamos na memória o mundo que nos rodeia.

A forma como relatamos o que vemos reflecte, de algum modo, a forma como vemos. Por outro lado, a forma como vemos varia em função de aquilo que nos 'é possível' ver, nomeadamente com o que a nossa atenção selecciona como estímulo a ser percebido e processado, de entre o conjunto total de informações disponíveis constituintes de cada contexto. O mesmo espaço de referência é pois diferentemente descrito consoante a perspectiva (a situação no espaço) de quem o descreve. Diferentes perspectivas do mesmo espaço supõem diferentes localizações, diferentes pontos de partida, diferentes alvos, diferentes marcos, diferentes percursos.

Um ser adulto atento e consciente das opções implícitas que faz pode, uma vez treinado pelo uso que faz da sua língua nas diferentes situações

1 Uma primeira versão da primeira parte deste trabalho foi apresentada o XV Encontro Anual da Associação Portuguesa de Linguística e publicada nas respectivas actas.

2 Laboratório de Psicolinguística, FLUL. ihfaria@mail.telepac.pt

comunicativas, ser capaz de conceber mais do que uma perspectiva sobre um dado espaço, o que lhe permite, por um lado, compreender as perspectivas de outros e, por outro, explicitar verbalmente o seu posicionamento no espaço.

A construção de uma narrativa implica, a par da memória processual implicada na construção gramatical do enunciado, a capacidade de utilização da memória declarativa na construção do encadeamento da história que, por sua vez, permite tornar visível o sentido para ela encontrado através das relações espaciais e temporais da mesma.

Ao longo do desenvolvimento psicolinguístico, e até se atingir o estado estável quer linguístico quer pragmático, é possível observar tipos de perspectivas (consoante o grau de desenvolvimento psicolinguístico) e mudanças de perspectiva (à medida que o desenvolvimento psicofisiológico e cognitivo vai tendo lugar).

2. O que é a História da Rã

A História da Rã (ver anexo) é uma história sem palavras, criada por Mercer Mayer (1969), com o título *Frog, where are you?*, constituída por 24 imagens que apresentam uma “interacção dinâmica, ao longo de um tempo, entre seres animados e contextos físicos” (Berman & Slobin, 1994) e que, por ter estas características, pode ser facilmente utilizada pelo investigador para provocar a produção de narrativas por parte de sujeitos de diferentes faixas etárias e diferentes graus de instrução, começando na pré-primária até à idade adulta.

A utilização desta história nasceu de um projecto de Berman e Slobin, iniciado em 1983, cujos objectivos eram os de detectar diferenças (e semelhanças) nas formas de representar os acontecimentos por parte de falantes nativos do Inglês, do Alemão, do Espanhol, do Hebreu e do Turco. As diferenças eram esperadas em função de três factores: pelo facto de os narradores serem de diferentes idades, pelo facto de falarem línguas diferentes e, finalmente, por haver muitas maneiras de se falar das mesmas imagens. Estes três factores, segundo os autores, contribuiriam para a identificação de usos preferenciais de meios linguísticos para representar os acontecimentos, não só nesta história mas nas narrativas em geral. Interessava-os, nomeadamente, o estudo do desenvolvimento dos meios linguísticos utilizados para estabelecer a relação entre eventos e as formas sintácticas de apresentar esse relacionamento em estruturas coerentes, quer ao nível de cada imagem, quer ao nível de cada episódio, quer ao nível da história em geral. Esta noção de ‘relacionamento de eventos’ inclui, assim, os meios verbais utilizados na codificação e na construção do sentido da história. Mesmo no início do projecto de Berman e Slobin o objectivo do estudo era limitado ao desenvolvimento da expressão temporal em Inglês e em Hebreu, esperando os autores encontrar nas crianças

hebraicas tendência para ‘compensar’ a ausência de marcas de Tempo e Aspecto através da utilização de expressões lexicais ligadas a noções que, em Inglês, apareciam gramaticalizadas. Tratava-se de aplicar a perspectiva de Slobin (1973) de existência de “pré-requisitos cognitivos para o desenvolvimento da gramática” segundo a qual as crianças procuram meios linguísticos para expressarem conceitos emergentes, neste caso, supostamente, conceitos universais de temporalidade. Assim, tendo em conta diferentes línguas, será possível observar que, se em algumas, a marcação do aspecto, por exemplo, é obrigatória, noutras, onde tais marcas não existem, poder-se-ão observar, no entanto, opções de expressão.

A temporalidade na narrativa, contudo, pode não ser dada directamente pelas imagens e ser construída pelo narrador. Podemos observar a diversidade temporal a partir de produções relativas à Imagem 2 da História da Rã: a simples antecipação do sentido final da acção, para além da imagem em referência - ‘ele (o sapo) *já* estava a sair do copo’ (4;7); a simultaneidade dos eventos - ‘a rã saiu do sítio onde ela estava *enquanto* o menino estava a dormir’ (9;10); a discriminação dos pressupostos das acções e das acções propriamente ditas que compõem uma acção mais complexa (‘fugir’) no léxico e no tempo - ‘não me parece que ela estivesse muito contente na *prisão* em que se encontrava... Uma noite, sentindo que os seus companheiros estavam a dormir – os seus *donos*, talvez sejam mais donos do que companheiros – sentindo que eles estavam a dormir, *fugiu*. *Saiu do frasco e partiu*’ (Adu18; 25 anos).

O que acontece é que, de certo modo, o sentido da história é construído por cada narrador em função da perspectiva que tem (ou que toma) dela. Muitas vezes, no entanto, não transparece na narrativa produzida um sentido geral para a história, mas apenas para os diversos (alguns) episódios ou mesmo, e só, para algumas imagens individualizadas. A análise do Espaço subjacente à construção de sentido mostra claramente a existência de variação ao longo do desenvolvimento psicolinguístico: variação na escolha do universo em referência (uma só imagem, um episódio, a história global); variação na selecção dos objectos de referência, na atribuição de diferentes capacidades agenciais a estes objectos, variação no estabelecimento de relações entre eles e no reconhecimento de marcos temporais e espaciais, etc.

A análise da *temporalidade* tem em conta: a colocação dos eventos na linha do tempo, as relações temporais entre eventos, a constituição temporal dos eventos, nomeadamente através de marcas de tempo e aspecto, de marcas aspectuais lexicais (partículas, verbos, advérbios), de processos de coordenação e de subordinação.

Por sua vez, a análise da *perspectiva* observa escolhas de tópico e foco e, em função destas escolhas, a realização de antecipações e explicitação de antecedentes, a construção de relações mais ou menos agenciais reveladas por alternância de voz (activa, passiva, média), pela variação pragmática de ordem de palavras, as formas de referência (SN, pronome, nulo).

Os eventos são objecto de *configuração* através da codificação das suas componentes em expressões relativamente compactas ou extensas fazendo uso de verbos e satélites, nomeadamente verbos de movimento e partículas locativas, adjuntos, formas não finitas dos verbos (infinitos, participios, gerúndios).

Naturalmente, há também a assinalar a presença em cada narrativa de um *estilo narrativo* que constitui o nível pessoal do discurso (mais ou menos coloquial, literário, poético, etc.), a par de opções de expressão, escolha lexical, organização temporal da fala, etc.

3. Metodologia

População: Falantes nativos do Português Europeu

Para este estudo foram consideradas narrativas da '*História da Rã*' produzidas por 45 sujeitos portugueses divididos por quatro grupos etários: O Grupo 1, com 10 crianças cujas idades variam entre os 4;6 e os 5;3; o Grupo 2, com 10 crianças cujas idades variam entre os 6;5 e os 7;1; o Grupo 3, também com 10 crianças cujas idades variam entre os 9;4 e os 10;2 e, finalmente, o Grupo 4 constituído por 15 falantes adultos do Português Europeu, com idades compreendidas entre os 21 e os 35 anos, frequentando ou tendo frequentado o ensino superior.

Recolha de dados: As narrativas foram provocadas através da apresentação da '*História da Rã*', primeiro passada em silêncio de forma aos sujeitos se familiarizarem com a sequência de imagens, depois passada segundo o ritmo imprimido à narrativa por cada sujeito. As narrativas foram gravadas, sendo posteriormente transcritas e codificadas no âmbito do Programa CHILDES (MacWhinney, 1995; Faria, I. H., Batóreo, H. J., 1994).

4. A construção de sentido

A história conta, ao longo de 24 imagens, a procura de uma rã que, durante a noite, foge de casa do seu dono (Imagem 2), um menino que tinha um cão. A conseqüente procura da rã é constituída por diversos episódios, eles próprios susceptíveis de constituírem 'sub-histórias' no interior da história: a '*primeira procura*', iniciada em casa após a constatação da ausência da rã e que acaba com a queda do cão da janela (Imagens 4 a 7); a '*procura no bosque*', primeiro com o '*episódio da toupeira*' (Imagens 8 a 10) que é referido se a perspectiva da busca for a partir do menino, ou o '*episódio das abelhas*' (Imagens 8 a 12) mencionado se a perspectiva da busca for dada a partir do

cão, seguido do ‘*episódio do mocho*’ (Imagens 11 a 13), na perspectiva do menino, e do ‘*episódio do veado*’ (Imagens 13 a 17) na perspectiva possivelmente conjunta do menino e do cão. Após a queda no lago (Imagem 18), inicia-se ‘*o encontro*’. Primeiro com uma sequência de indícios sonoros por detrás do ‘tronco’ (Imagens 19 a 21) seguidos da ‘visualização’ que constitui, de facto, o encontro. Segue-se ‘*o regresso a casa*’, a partida e as despedidas.

Apesar do sentido da história se construir de um modo relativamente simples, (fuga > procura > encontro) nem todos os sujeitos, após o primeiro contacto com a sequência integral, são capazes da sua construção. Alguns constroem sentido apenas para alguns episódios, supõe-se que tal acontece em função da perspectiva que tomam, outros limitam-se a descrição mais ou menos pormenorizada da imagem ou conjunto de imagens que têm em presença, mostrando-se incapazes de construir uma verdadeira narrativa. Estas diferentes dimensões do universo em referência – da Imagem ao Episódio e do Episódio à História – variam em função do desenvolvimento psicolinguístico dos falantes. Serão alguns dos aspectos desta variação o que passaremos a analisar.

5. Um exemplo de perspectiva a nível de uma só imagem: O exemplo da Imagem 2, ‘a fuga’ da rã

Mesmo tratando-se apenas da segunda imagem de uma longa sequência de imagens que compõe a história, a grande maioria dos adultos (80%) introduz logo, explicitamente, na narrativa uma referência a ‘fuga’ como um processo que em si mesmo contém um fim a atingir. Esta introdução contribui, desde logo, para a construção de sentido geral: sem haver ‘fuga’, não se justifica a ‘procura’ seguinte. No entanto, o fim a atingir pela ‘fuga’ nem sempre é o mesmo para este conjunto de falantes. Uns limitam-se a referir aspectos de natureza estritamente locativa, ‘fugir do local onde está’ (40%), enquanto outros (também 40%) apresentam processos mais elaborados de fundamentação para a fuga, das más ‘condições ambientais’ em que se encontrava a rã aos ‘problemas familiares e emocionais’ causados pelo cativeiro, interpretação esta que antecipa o final da história. A opção lexical por ‘fugir’ comporta, no entanto, mais informação do que ‘sair’, uma vez que com ‘fugir’ o ponto de partida é igualmente um alvo no esquema espacial. 40% dos adultos, a outra metade, opta por fundamentar a ‘fuga’ explicitando alvos situados fora do ponto de partida (melhores condições ambientais, reencontro com a família).

20% dos adultos, no entanto, não faz referência explícita a ‘fuga’, limitando-se, também numa perspectiva locativa, a referir a capacidade de decisão da rã apenas para alterar o seu posicionamento: ‘decide sair do boião’ (Adu11), ‘abandona o frasco’ (Adu13), ‘resolve sair do frasco’ (Adu15). É uma rã cujo protagonismo se iniciar com a representação da rã como

Experienciadora para só depois passar a Agente na situação. Por sua vez, o facto de a rã ‘decidir’ ou ‘resolver’ sair do frasco aponta para uma representação semântica anterior ainda com menor capacidade agentiva, i.e, a rã era Paciente no frasco onde se encontrava e onde tinha sido metida pelo seu captor/dono. Esta representação, apresentada por um subconjunto de adultos, através de construções perifrásticas com verbos psicológicos, foca preferencialmente a capacidade de decisão da rã (não ser mais Paciente) do que propriamente a acção, o movimento que envolve a saída do frasco, perspectiva que é dominante no conjunto das crianças observadas.

Tendo agora em consideração as produções das crianças, verificamos que a representação dominante é ‘a saída’, ainda que verbalizada de diferentes formas que, a seguir, iremos apresentar. Repare-se para já, no entanto, que relatar ‘a saída’ e não ‘a fuga’ é limitar o universo de referência à imagem em presença, em vez de a englobar, relacionando-a, na restante sequência. Este aspecto constitui, na nossa amostra, o primeiro grande contraste entre crianças em desenvolvimento e sujeitos adultos relativamente estáveis, na construção da narrativa. Veremos seguidamente que, quer no interior dos grupos das crianças quer no grupo dos adultos, se observa variação, mas que essa variação é traçada ao longo de uma linha *de procedimentos cada vez mais sofisticados de lexicalização* sendo, de certo modo, possível reconhecer, desde já, que o desenvolvimento psicolinguístico se faz com o léxico, no sentido em que é o conhecimento do léxico e o fácil acesso a ele que, no plano da produção, permite o seu recrutamento adequado como forma de representação de conceitos ou relação entre conceitos. É relativamente fácil constatar também que, no caso de a perspectiva se situar exclusivamente na imagem em presença, ela poderá construir-se a partir de uma localização que foca a atenção noutros referentes e que nem sequer permita fazer referência à rã, o que, aliás, acontece com duas crianças mais novas (4;6 e 5;3).

Em suma, com base numa só imagem (Imagem 2) a representação semântica da rã como protagonista apresenta-a preferencialmente como Agente dos verbos de movimento ou como Experienciadora que recruta de si própria uma capacidade para a acção (decidir/resolver sair/fugir).³

3 Lista de verbos produzidos relativos à Imagem 2, em função da perspectiva:

estava com o pé	(4;7)
caiu do vaso	(5;2)
estava a sair do copo	(4;7)
saiu de lá do aquário	(5;2)
foi em bico dos pés saindo do aquário	(6;6)
aproveitou para sair	(6;9)
saiu e soltou-se	(6;5)
saiu	(6;7)
saiu do frasco	(9;5)
saiu do sítio onde estava	(9;10)
sai do potezinho	(9;9)
saiu do pote e foi passear	(7;1)

6. De 'já não estava lá' a 'pisgou-se': a agentividade de uma fuga

A primeira grande distinção surge relativamente a *representação da rã como sendo ou não protagonista*. Apenas 3 das 45 narrativas em análise representam a rã (em referência à Imagem 2) sem protagonismo. Trata-se de 3 crianças que produziram o seguinte: 'caiu do vaso' (5;2) e 'já não estava lá' (6;11 e 9;6). Nestes três casos o papel semântico é o de Paciente, e a representação de 'já não estava lá' revela um foco de atenção centrado na imagem 3 e não na 2, opção que revela a manutenção de opções de protagonismo anteriores, não deslocando para a rã o protagonismo do menino ou do menino e do cão: 'o menino olhou para o frasco e a rã já não estava lá' (9;6), 'viram que a rã já não estava lá' (6;11).

Nas 42 narrativas que referem a rã como protagonista, é possível distinguir *diferentes graus de agentividade*, essencialmente representados pelos verbos seleccionados e pelo aspecto intrínseco de cada representação. *A primeira distinção situa-se no carácter acabado ou não acabado da acção protagonizada*. Encontrámos as seguintes representações imperfectivas: 'estava com o pé' (4;7), representação de apenas parte do movimento de *sair* ou *saltar*; 'estava a sair do copo' (4;7), movimento inacabado; e 'tentou fugir' (5;0), representação que não deixa perceber se a rã, afinal, fugiu ou não. Acontece que todas estas representações imperfectivas se devem a três dos

decidiu sair desse boião	(Adu11)
resolve sair do frasco	(Adu15)
abandona o frasco	(Adu14)
saltou e foi-se embora	(5;3)
salta do frasco	(9;8)
saltou do frasco e foi-se embora	(5;3)
saltou do...aquela coisa branca	(6;9)
saltou	(9;4)
foi a outro sítio	(7;0)
a rã já não estava lá	(6;11), (9;6)
tentou fugir	(5;0)
fugiu	(5;3), (6;10), (9;11)
fugiu do aquário	(6;11)
foge do seu sítio	(9;5)
a rã não estava, tinha fugido	(9;5)
foge	(Adu12)
fugiu do frasco	(Adu3)
aproveitou para fugir de dentro do pote	(Adu10)
fugiu: saiu do frasco e partiu	(Adu6)
como não gostava de viver ali, fugiu	(10;2)
resolve abandoná-los, sai do frasco e foge	(Adu2)
resolveu escapulir-se	(Adu1)
saltou do aquário e fugiu	(Adu4)
escapou-se do frasco	(Adu5)
escapa-se do frasco	(Adu8)
escapou-se	(Adu9)
saiu do frasco e pisgou-se, foi-se embora	(Adu7)

narradores mais novos, o que coloca este tipo de representação, juntamente com a ausência de referência à rã, 100% na base, no ponto de partida do desenvolvimento psicolinguístico assinalável através da análise das narrativas.

No entanto, 39 das 45 representações da rã, relativas à imagem 2, são perfectivas. Neste conjunto, que constitui 87% do total, a atribuição de diferentes graus de protagonismo parece relacionar-se, em primeiro lugar, com o *número de factores intrinsecamente implicados na complexidade espacial do verbo utilizado*. Encontramos estruturas que se realizam em função de apenas *um só factor espacial*: por um lado, o *ponto de partida*, o recipiente onde se encontrava a rã, com verbos como *sair* (ou *sair de*) ‘saiu do frasco’ (9;5), ‘saiu do sítio onde estava’ (9;10), com *saltar* (ou *saltar de*) ‘salta do frasco’ (9;8), com *abandonar* ‘abandona o frasco’ (Adu14); por outro lado, o *alvo*, um lugar alternativo ao ponto de partida, com estrutura como ‘foi a outro sítio’ (7;0). Estas estruturas que se realizam em função da representação de um só factor espacial são em grande número e são todas, com excepção de ‘abandona o frasco’, realizadas por crianças e estão presentes em cerca de 50% do total das narrativas.

Encontramos estruturas que se realizam em função de *mais do que um factor espacial*, englobando na descrição *ponto de partida* e *alvo*. Tais estruturas podem realizar-se por coordenação: ‘saiu e soltou-se’ (6;5), ‘saiu do pote e foi passear’ (7;1), ‘saltou e foi-se embora’ (5;3), ‘saltou do frasco e foi-se embora’ (5;3); ou fazendo uso de verbos que lexicalizam os dois factores (ponto de partida e alvo), como é o caso de *fugir*, *escapar-se*, *pisgar-se* e *escapular-se*. São os adultos que maior uso fazem deste léxico, apesar de *fugir* aparecer nas representações das crianças quase sempre como predicado que lexicaliza o ponto de partida, tal como *sair*: ‘fugiu do aquário’ (6;11).

Finalmente, encontramos estruturas perfectivas, com verbos psicológicos a dominar a acção: ‘resolveu escapular-se’ (Adu1), ‘resolve abandoná-los, sai do frasco e foge’ (Adu2), ‘decidiu sair desse boião’ (Adu11), ‘resolve sair do frasco’ (Adu15), estruturas todas elas realizadas por adultos e que colocam a rã como protagonista a partir de Experienciadora. Fazendo uso de predicados com funções semânticas mais baixas, tais como Recipiente, encontramos ainda duas representações, uma de uma criança e outra de um adulto: ‘aproveitou para sair’ (6;9), ‘aproveitou para fugir de dentro do pote’ (Adu10).

Encontramos estruturas que se realizam em função de *mais do que um factor espacial*, englobando na descrição *ponto de partida* e *alvo*. Tais estruturas podem realizar-se por coordenação: ‘saiu e soltou-se’ (6;5), ‘saiu do pote e foi passear’ (7;1), ‘saltou e foi-se embora’ (5;3), ‘saltou do frasco e foi-se embora’ (5;3); ou fazendo uso de verbos que lexicalizam os dois factores (ponto de partida e alvo), como é o caso de *fugir*, *escapar-se*, *pisgar-se* e *escapular-se*. São os adultos que maior uso fazem deste léxico, apesar de *fugir* aparecer nas representações das crianças quase sempre como predicado que lexicaliza o ponto de partida, tal como *sair*: ‘fugiu do aquário’ (6;11).

Quadro1 – Perspectiva, complexidade lexical e desenvolvimento
Exemplo da representação da rã na Imagem 2.
(De P0 a P4, cinco níveis de perspectiva).



Finalmente, encontramos estruturas perfectivas, com verbos psicológicos a dominar a acção: “resolveu escapulir-se” (Adu1), ‘resolve abandoná-los, sai do frasco e foge’ (Adu2), ‘decidiu sair desse boião’ (Adu11), resolve sair do frasco’ (Adu15), estruturas todas elas realizadas por adultos e que colocam a rã como protagonista a partir de Experienciadora. Fazendo uso de predicados com funções semânticas mais baixas, tais como Recipiente, encontramos ainda duas representações, uma de uma criança e outra de um adulto: ‘aproveitou para sair’ (6;9), ‘aproveitou para fugir de dentro do pote’ (Adu10).

A observação da distribuição dos cinco níveis de perspectiva pelos grupos etários permite uma visão do desenvolvimento do processo subjacente à gramaticalização de 'fugir': primeiro a atribuição de protagonismo, segundo o aspecto intrínseco ao movimento, terceiro o reconhecimento do ponto de partida como início do espaço onde se desenrola o movimento, quarto o reconhecimento de um alvo (ponto de chegada - intenção), finalmente a modalização da acção e da intenção. Este paralelismo entre fases de desenvolvimento e processos interiores à própria gramática vem ao encontro dos pressupostos inicialmente enunciados.

7. A construção da Perspectiva a nível de um episódio

A perspectiva sobre um episódio constrói-se e em referência ao conjunto de imagens que o compõem. Iremos agora tomar como exemplo o 'episódio do veado' constituído pelas Imagens 13 a 18 da *História da Rã*, episódio constituído pelo seguinte conjunto de eventos: 'Ao fugir do mocho, o menino sobe para cima de uma pedra. Recomeça a chamar pela rã. Agarra-se a umas hastes. O cão recomeça a busca à volta da pedra. As hastes pertencem a um veado. O veado começa a correr levando o miúdo encarrapitado nas hastes. O cão corre ao lado do veado. À beira de um penhasco o veado estaca e atira o menino para o lago. O cão que ia a correr atento ao veado não vê o precipício e cai também ao lago, por cima do menino.'

Como é fácil observar, cada episódio tem, no seu interior, um princípio, um desenvolvimento e um fim, sendo o fim consequência das acções e eventos que tiveram lugar no seu interior. Trata-se de uma sequência coerente de acontecimentos que pode ser sintetizada num guião, ou esquema, relativo ao episódio que, para ser relatado na íntegra, deve preservar a cadeia causal e temporal através da apresentação dos seguintes passos:

Passos do episódio do veado

1. O menino sobe para cima da uma pedra e recomeça a chamar a rã.
2. O menino agarra umas hastes.
 - 2a. o cão recomeça a busca.
3. As hastes pertencem a um veado (ou outro N consoante o conhecimento do animal em referência).
4. O veado começa a correr, levando o miúdo encarrapitado nas hastes.
 - 4a. o cão corre ao lado do veado.
5. O veado estaca à beira de um penhasco e atira o menino.
 - 5a. o cão que ia a correr não vê o precipício e cai.
6. O menino e o cão caem ambos ao lago.

A opção da representação, em função de um dado protagonista (ou o menino, ou o veado, ou o cão) ou em mais do que um protagonista, necessariamente se reflecte no conjunto de passos necessários para a elaboração da descrição do episódio. No Quadro 2, pode observar-se a percentagem de sujeitos que referiu cada passo do guião do episódio. É fácil verificar que os passos que se encontram representados com as percentagens mais elevadas são os centrais, os fundamentais, para a construção do sentido do episódio. O que é notório é que essa centralidade varia com a idade dos narradores e é ela própria indiciadora de diferentes fases de desenvolvimento.

**Quadro 2 - Variação na representação do episódio do veado
(Imagens 13 a 18)**

Percentagem de sujeitos e referência aos passos do episódio

Sujeitos	Idades	Passos do episódio								
		1	2	3	4	5	6	2a	4a	5a
Grupo1 (n=10)	4;6 - 5;3	60	40	10	80	80	100	20	10	0
Grupo2 (n=10)	6;5 - 7;1	70	20	10	90	100	100	30	20	10
Grupo3 (n=10)	9;4 - 10;2	100	20	50	100	70	100	10	10	0
Adultos (n=15)	21 - 35	47	53	47	73	67	100	13	13	0

O Quadro 2 permite observar quais são, para cada grupo, os passos fundamentais de construção de sentido para o episódio em referência. O fim, ou o resultado da sequência, é referido por todos (passo 6). Mas a relevância do episódio é percebida e verbalizada mais cedo, a partir do passo 4, nos dois grupos das crianças mais novas, permitindo a construção de um espaço descritivo do movimento (o veado começa a correr levando o menino nas hastes, Imagem 16), seguido de paragem brusca (o veado estaca à beira do penhasco, Imagem 17) e do seu efeito (o menino e o cão caem, Imagens 17 e 18). No Grupo 3, a relevância do movimento no episódio inicia-se na Imagem 14, assinalando todos os sujeitos deste grupo o facto de o menino estar em cima da pedra, agarrado a umas hastes, situação que é ponto de partida para a cadeia causal do

episódio, e que este grupo de sujeitos, na totalidade, já reinterpreta como sendo as hastes do veado e não apenas uns ramos. Estes aspectos são ratificados pelo léxico utilizado pelas crianças e que apresenta grande variação. Por exemplo, em referência às *hastes*, a par de omissões, encontramos as seguintes variantes: - *árvore* (4;6 e 9,6); *tronco* (5;3); *pauzinhos do veado* (5;3); *paus* (7;0); *ramos* (10;2); *cornos* (6;11); *chifres* (6;7, 9;5, 9;6, 9;9, 9;11). No grupo dos adultos, *hastes* e *chifres* são os nomes utilizados nas mesmas descrições. A própria identificação do animal, é altamente variável nos grupos da crianças: *veado* é o nome utilizado por 24 das 30 crianças, mas encontramos, também, o recurso a uma categoria supraordenada, hiperónimo, *animal* (3 crianças), a par de erros de identificação como *canguru* (5;3), *cabrito* (5;3) e *cabra* (9;8). Nos adultos, as variantes encontradas são quatro, *veado*, *alce*, *rena* e *cervo*.

A presença do veado e a relação estabelecida entre este e o menino são, também, entendidas de diferentes formas, nos quatro grupos de sujeitos. A par da ausência de referência ao veado, caso do relato apresentado pela criança mais nova (4;6), e de omissões de passos do respectivo guião já apontadas no Quadro 2, encontramos, no conjunto dos relatos, três tipos de construção de perspectiva. O primeiro tipo de construção tem como ponto de partida exclusivo o veado com referência ao movimento dirigido como acção sobre o menino ou sobre o menino e o cão. A capacidade agencial do veado é traduzida na forma como o veado actua sobre o menino (e sobre o cão) que são, aqui, perspectivados como Pacientes. O veado ‘traz’, ‘pega ao colo’, ‘segura’, ‘leva’, ‘apanha pelos chifres’, ‘corre’, ‘sobe’, ‘levanta’, ‘transporta’. Só no relato do único adulto que elabora esta perspectiva (Adu 11) é que se encontra, a par desta capacidade agencial do veado, um predicado que enquadra o menino como Recipiente de ‘ajuda’:

- (1) ‘depois o animal *estava em volta para cima* da cabeça dele’ (4,7)
 ‘um veado *trouxe-lhe* com o cão’ (5;0)
 ‘depois o veado *pegou-lhe ao colo*’ (5;3)
 ‘*apareceu* um veado mau que *segurou* no menino’ (6;5)
 ‘depois *apareceu* o veado *levou* o menino e o cão...’ (6;11)
 ‘depois *veio* um veado e *levou* o menino para um sítio...’ (6;11)
 ‘um veado *estava por trás da pedra apanhou* (o menino) *pelos chifres* e *começou a correr atrás do cão*’ (9;5)
 ‘entretanto um veado...a cabeça do veado *sobe* e *leva* o menino assim nos chifres...’ (9;9)
 ‘então apareceu um veado *levantou* (o menino) e *levou* (o menino) para um buraco...’ (9;10)
 ‘o veado *levou* o menino...’ (10;2)

‘um alce que em vez de ter sido agressivo os *ajudou* e os *transportou* à procura da rã...’ (Adu 11)

O segundo tipo de construção de perspectiva tem como ponto de partida exclusivo o menino. É uma perspectiva predominantemente passiva ou anticausativa, de localização do referente ‘em cima de’ o veado, com construções passivas onde o menino é ‘apanhado’, ‘agarrado’, ‘preso’ ou ‘pendurado’, ou com descrições inacusativas onde o sujeito ‘cai em cima de’ um veado. Apesar de apresentado como Sujeito das construções, o referente é um Alvo do veado, ou tem o veado como Alvo que ‘encontra’, em que ‘se mete’ ou ‘cai em cima’, onde ‘fica encalhado’, ‘preso’ ou ‘pendurado’. É uma perspectiva partilhada já por quatro dos adultos, que produzem metade do conjunto de descrições que encerram este tipo de perspectiva:

- (2) ‘o menino *foi apanhado* por um veado’ (5,2)
‘depois de repente (o menino) *encontrou* um veado’ (6;6)
‘e depois (o menino) *viu* um veado e *foi em cima dele*’ (9;5)
‘o menino *encontra* sim encontra uma cabra...a certa altura o menino *mete-se em cima da* cabra...’ (9;8)
‘o miúdo...*foi agarrado* por um alce...’ (Adu 1)
‘entretanto (o menino) *caiu em cima de* um veado...’ (Adu 5)
‘qual não foi a sua surpresa quando (o menino) *ficou encalhado* nuns ramos enormes que não eram nem mais nem menos que as hastes de um veado *ficando preso nas hastes* do veado...’ (Adu 9)
‘(o menino) acaba por *ficar pendurado* num...cervo...’ (Adu 13)

Finalmente, encontramos descrições que apresentam perspectivas construídas tendo em conta mais do que um referente ou ponto de partida. Este tipo de construção é múltiplo nos referentes (o veado e/ou o menino e/ou o cão) mas organiza-se preferencialmente a partir de um deles para passar, depois, à descrição canónica das acções e dos eventos. Encontramos um único caso de início de descrição a partir do cão, (o cão vai à frente, seguido pelo veado e o menino está em cima do veado) perspectiva construída por uma das crianças mais novas:

- (3) ‘o veado *ia atrás* do cão e o menino *estava em cima* do veado... e depois o veado *levava* ele (o menino) *ao colo*’ (4;7)

Partindo da acção do veado, a sequência é causal, o veado é explicitamente responsável pelo que acontece ao menino. Apenas um adulto apresenta esta construção que é sobretudo adoptada por crianças dos Grupos 2 e 3. Encontramos as seguintes descrições:

- (4) 'o veado *passando ao pé empurrou-lhe* e (o menino) *ficou preso nos chifres*' (6;7)
 'depois *veio* o veado *ajudar* o menino. o menino aí *não teve medo.*' (7;1)
 'depois houve um animal que *agarrou-o* (ao menino) *foi assim atrás do cão*' (9;4)
 'depois os ramos *sobem* e o menino *vê* que é um veado. depois o veado *vai a correr.*' (9;5)
 'entretanto lá dentro dessa parte de neve *tinha lá* um veado que ele (o menino) *pensava* que era uma árvore por causa dos chifres. Depois o veado *levantou-se foi para* um precipício *diga-se e levou* o menino *na cabeça dele*' (9;6)
 'quando o alce *levantou* a cabeça o menino *ficou pendurado* no animal que *começou a correr* em direcção a um precipício...' (Adu 10)

Finalmente, sendo a sequência de acontecimentos relatados organizada a partir do menino, a construção é eminentemente temporal, sendo reconhecida ao veado maior capacidade agencial. É a perspectiva mais representada na amostra, a partir do Grupo 2 das crianças, mas fundamentalmente assegurada pelos adultos:

- (5) 'o menino *encontrou* um veado e o veado *pegou-lhe ao colo*' (6;9)
 '(o menino) *foi para cima de* um veado. o veado *pegou nele.*' (6;10)
 'o menino *foi e meteu-se em cima* do veado...então o veado *foi a correr* com o menino *em cima.*' (6;9)
 'ele (o menino) *pôs-se em cima do* veado e o veado não sabia o que é que era (o veado) *começou a andar a andar não via nada*' (7;0)
 '(o menino) *encontrou* um veado e o veado *pôs* (o menino) *em cima dos chifres.*' (9;11)
 'tiveram vários acidentes entre eles com um veado que o menino *sem querer se agarrou* aos seus chifres *pensando* que eram ramos de árvores e o veado *não gostou* e ele (o veado) *desatou a correr.*' (Adu 2)
 'às tantas (o menino) *encontra* um veado que *lhe dá uma marrada.*' (Adu 3)
 'quando chega acima do monte...(o menino) *fica preso nos chifres* de um alce. *cheio de medo* o alce *começa a correr* e o menino *vai preso nos chifres* do alce...' (Adu 4)
 'o menino *ficou empoleirado em cima da* rena e a rena *chateadíssima* *começou a correr a correr.*' (Adu 7)
 'o miúdo para se *safar acaba por subir* a uma rocha onde *se segura* a algo que parecem uma hastes de uma árvore mas não são. são sim umas hastes de um alce que *todo irritado avança para* a ravina...' (Adu 8)
 'o menino *descobriu* depois que os galhos a que ele *estava pendurado* eram os de um veado que *não achou graça nenhuma* e que com o

menino *pendurado* na sua cabeça *resolveu tentar livrar-se dele começou a correr* com o cão atrás até um precipício...’ (Adu 14)
‘entretanto descobre-se que os ramos eram os chifres de um alce e o menino *encontra-se por cima* do alce. o pobre do alce só *tem como remédio continuar a andar e leva* o menino...*atrás*. O cão *fica muito incomodado* com aquilo...*a ver* o seu dono *em cima* do alce...entretanto o alce *chega à beira* de um precipício...’ (Adu 15)

Relativamente à forma como aparece construído o sentido do episódio, parece-nos encontrar um certo paralelismo com os níveis de perspectiva e processos cognitivos subjacentes à gramaticalização de ‘fugir’ (cf. Quadro 1). Nos procedimentos relativos a este episódio, observa-se que, a partir da selecção do protagonista como *agente* (exemplos (1)) ou como *alvo* (exemplos (2)), se desenvolve a perspectiva segundo o aspecto intrínseco de *localização* ou de *movimento* (exemplo (3)), seguida da perspectiva *causal* ou implicacional dos acontecimentos (exemplos (4)) e, finalmente, da perspectiva *temporal* ou canónica dos eventos (exemplos (5)).

Passamos, agora, a analisar os relatos relativos às Imagens 17 e 18, as duas últimas imagens deste episódio, que encerram, na qualidade de fecho do episódio, as perspectivas resultantes das perspectivas adoptadas para os acontecimentos anteriores. Observamos quatro tipos de perspectivas, a *perspectiva anticausativa* realizada exclusivamente a partir de construções cujos sujeitos são o objecto lógico de ‘cair’, a *perspectiva agencial-resultativa* cujos sujeitos são os agentes responsáveis pelos efeitos produzidos pelas acções realizadas como, por exemplo, ‘deitar abaixo’, ‘deixar cair’, ‘atirar ao mar’, ‘atirar para dentro de’, ‘deitar ao mar’, ‘arremessar para dentro de’, a *perspectiva causal* correspondente à tentativa de criação de uma cadeia implicacional e/ou temporalmente ordenada de causa-efeito e, finalmente, a perspectiva que designámos de *modal-resultativa* onde aos efeitos da acção levada a cabo pelo agente (o veado) são, por assim dizer, como que atenuados através da atribuição ao mesmo agente de traços que o aproximam mais de uma entidade experienciadora dos efeitos que produz. Neste caso, o veado ‘começa a rir’, ‘fica zangado’, ‘tenta parar’, ‘quer agarrar’ mas ‘não consegue’ e ‘tem medo’. Transcrevemos seguidamente os respectivos relatos.

(6) A perspectiva anticausativa:

‘o menino *caiu* e o cão também’ (4;6)
‘depois o cão e o menino *caíram para* a água’ (4;7)
‘e (o menino) *caiu para* a água’ (9,5)
‘depois ele (o menino) *caiu dentro de* água mais o cão’ (9;6)

'o menino e o cão *caem para* o lago' (9,8)
'o menino *caiu por* uma ribanceira *abaixo* juntamente com o cão e *foram cair* os dois a um charco' (Adu 2)
'(o menino) *cai dentro de* um lago mais o cão que *fica por cima* dele' (Adu 4)
'entretanto (o menino) *caiu do* precipício *abaixo* e *foi ter dentro de* um lago com o cão' (Adu 5)
'vão (o menino e o cão) *dar a* um precipício...que *vai dar a* um lago' (Adu 6)
'foram levados para junto de um precipício...*caíram* os dois *por ali* abaixo' (Adu 9)
'(o menino) *cai num* charco' (Adu 11)
'*caem num* precipício o que os *leva a ir ao* charco' (Adu 12)

(7) A perspectiva agencial-resultativa:

'depois o veado *deitou* o menino *abaixo* e o cão também' (5;2)
'e depois o cabrito *foi atirar* (o menino) ao mar só que depois ele (o menino) *caiu* e depois o cabrito *deitou à* água eles os dois' (5;2)
'e depois o veado...*deitou-o* (ao menino) *abaixo* para a água. depois eles *caíram* directamente à água' (5;3)
'o veado *deitou* o menino *abaixo*. depois o menino e o cão *caíram para* o rio' (5;3)
'o veado...*deitou* ele *abaixo* e o cão' (6;10)
'e o veado *empurrou* os dois' (6;6)
'ele (o veado) chegando-se ao pé da água pegou nele (no menino) e *atirou-lhe*. *caíram* então' (6;7)
'o veado *deixou cair* o menino e o cão' (6;9)
'depois o veado *atirou* o cão e o menino *para* o chão...e depois eles *caíram* no lago' (6;11)
'depois o veado *deixou cair* o cão e o menino' (6;11)
'depois (o veado) *mandou-o* (ao menino) *para cima* do cão e o cão e o menino *caíram ao* rio' (9;4)
'(o veado) *deixou-os cair* os dois *para* o rio' (9;5)
'o veado...*atira* o menino e o cão *para dentro de* um lago' (9;5)
'depois (o veado) vai com o menino e *deita-o para* a água e (o menino) *cai*' (9;9)
'o veado *atirou* o cão e o menino *para dentro de* água' (9;10)
'o veado...*deitou-o* (ao menino) *ao rio*' (9;11)
'e depois (o veado) *atirou* o cão e o menino *para dentro de* uma poça muito grande' (10;2)
'(o alce) acabou por *atirá-los por* uma vertente' (Adu 1)
'(o veado) *atira* o menino e o cão *para dentro do* lago' (Adu 3)
'(a rena) *atirou com* o menino e *com* o cão *para dentro de* um lago' (Adu 7)

'(o alce) *atira com* o miúdo e *com* o cão *para* o rio' (Adu 8)
'(o alce) chegado ao precipício travou e *fez com que* o menino e o cão *caíssem dentro de* um charco' (Adu 10)
'o veado *acaba por arremessá-los para...dentro de* um charco' (Adu 13)
'(o veado) quando chegou ao precipício *largou* o menino e o cão também *caiu*' (Adu 14)
'o alce chega à beira assim de um precipício *manda* o menino e o cão *para baixo*' (Adu 15)

(8) A perspectiva causal:

'o menino *foi cair* à água com o cão porque o veado *tinha empurrado*' (4;7)
'depois esse menino *foi atirado* por um canguru...depois eles *caíram* os dois ao mar' (5;3)
'ele (o cão) *caiu* e ...o veado *empurrou* o menino. O veado *atirou-os* e o cão *escorregou*' (6,5)
'(o veado) *abanou a cabeça* e o cão e o menino *foram para dentro de* água' (7;0)

(9) A perspectiva modal-resultativa:

'(o veado) *deixou cair* o menino e o cão. depois eles *estavam a cair* e ele (o veado) *começou-se a rir*' (5;0)
'depois o veado *empurrou-o* (ao menino) e ele *caiu lá para* baixo. E depois o veado *ficou zangado* com eles' (5;2)
'e depois *foi* (o menino) *ter lá abaixo*...e o veado a *tentar parar* e depois *caíram* num poço de água' (6;9)
'e depois *caíram no buraco*. Depois o veado *queria agarrar* o menino e o cão mas *não conseguiu* e o veado *tinha medo* também de cair.' (7;1)

Se observarmos a distribuição dos relatos dos sujeitos pelos tipos de perspectivas, cf. Quadro 3, facilmente verificamos que as perspectivas que designámos por causal e modal-resultativa são exclusivamente utilizadas pelos dois grupos de crianças mais novas, seguindo-se a perspectiva anticausativa e a agencial-resultativa, sendo as duas últimas as únicas representadas nos relatos dos adultos. Pelos valores obtidos, a perspectiva agencial-resultativa é a que maioritariamente corresponde à complexidade dos eventos em referência, sendo também aquela cuja representação mostra explicitamente a direcção do desenvolvimento (Grupo 1, idades entre 4;6 e 5;3, – 40%; Grupo 2, idades entre 6;5 e 7;1 - 60%; Grupo 3, idades entre 9;4 e 10;2 – 70%).

Quadro 3 - Distribuição de tipos de perspectivas no final do episódio do veado (Imagens 17 e 18)

Sujeitos	Idades	Percentagens dos diferentes tipos de perspectivas			
		Causal	Modal-resultativa	Anticausativa	Agencial-resultativa
Grupo 1 (n=10)	4;6-5;3	20	20	20	40
Grupo 2 (n=10)	6;5-7;1	20	20	—	60
Grupo 3 (n=10)	9;4-10;2	—	—	30	70
Adultos (n=15)	21 – 35	—	—	47	53

Ainda em relação com este episódio (Imagens 13 a 18), pretendemos salientar que, apenas num número reduzido dos recontos produzidos, encontramos a realização da totalidade de passos do guião do episódio. Tais casos, que constituem a expressão máxima da construção analítica do episódio, correspondem a uma pequena parte dos recontos das crianças, cerca de 13%, apesar de se encontrarem representados em todos os grupos etários (um no Grupo 1 - C09 (5;3), um no Grupo 2 - C19 (7;0), e dois no Grupo 3 - C23 (9;5), C30 (10;2)). No grupo dos adultos estas construções analíticas completas correspondem a um terço dos recontos deste grupo (Adu7, Adu9, Adu10, Adu14, Adu15). Transcrevemos seguidamente fragmentos dos recontos referidos das crianças e um dos adultos onde se nota, claramente, a evolução lexical já anteriormente registada na referência aos chifres do veado ('pauzinhos do veado' < 'paus que era do veado' < 'ramos' < 'hastes' e onde a relação entre o veado e o menino se transforma desde 'pegou-lhe ao colo' < 'ele pôs em cima do veado' < 'o veado levou o menino' < 'o menino ficou pendurado no animal'.

Exemplos da elaboração do guião completo (construção analítica) do episódio do veado:

C09 (5;3) - 'depois (o menino) foi para uma rocha, e foi chamar: rã! e não encontrava. mas depois estava lá um veado. (o menino) não sabia que era um tronco e então segurou nos pauzinhos do veado e sem olhar não viu. e depois o veado pegou-lhe ao colo e deitou-o abaixo para a água. depois eles caíram directamente à água em frente a um buraquinho.'

C19 (7;0) - 'ele (o menino) estava a subir uma pedra. depois subiu subiu até cá acima. tinha uns paus que era do veado. ele pôs-se em cima do veado e o veado não sabia o que é

que era começou a andar a andar não via nada e chegou até ao lago. abanou a cabeça e o cão e o menino foram para dentro de água. catchapum! para dentro de água foram lá os dois.'

C23 (9;5) - 'o menino para tentar escapar sobe para cima de uma rocha e vê uns ramos segura neles e chama pela rã. e depois os ramos sobem e o menino vê que é um veado. depois o veado vai a correr e atira o menino e o cão para dentro do lago.'

C30 (10;2) - 'depois o menino subiu para cima de umas pedras e sem querer agarrou-se a uns ramos. só que esses ramos eram...como é que se chama aquilo? (as hastes) as hastes do veado. e o veado levou o menino e depois atirou o cão e o menino para dentro de uma poça muito grande.'

AD10 - 'subiu acima de um rochedo para tentar ver se tinha uma visão mais ampla e agarrou-se aos troncos de uma árvore que estava junto ao rochedo. só que de facto aqueles troncos não eram troncos de uma árvore eram as hastes de um alce e quando o alce levantou a cabeça o menino ficou pendurado no animal que começou a correr em direcção a um precipício. chegado ao precipício travou e fez com que o menino e o cão caíssem dentro de um charco.'

8. Do episódio à história: a construção do sentido global da história

O sentido global da história é atingido no 'episódio do (re)encontro' da rã a que se segue 'o regresso a casa' (Imagens 19 a 23 + Imagem 24) a que corresponde a seguinte sequência: 'O cão está em cima do menino. Ambos ouvem um barulho e espreitam por cima de um tronco e vêem um casal de rãs e várias rãzinhas'; o menino pega numa rã e vai-se embora com o cão e a rã para casa.'

Passos do episódio do (re)encontro seguido do regresso a casa

1. O menino está sentado no meio do charco com o cão em cima da cabeça
2. Ouvem um som do outro lado de um tronco e o menino faz sinal para não se fazer barulho
3. Espreitam por cima do tronco e
4. Vêem um casal de rãs e

5. Várias rãs pequeninas.
6. O menino pega numa rã e vai-se embora com o cão e a rã para casa

Quadro 4 - Variação na representação do episódio do (re)encontro e do regresso a casa

Percentagem de sujeitos e referência aos passos do episódio

Sujeitos	Idades	Passos do episódio do (re)encontro						regresso
		1	2	3	4	5	6	
Grupo1 (n=10)	4;6 - 5;3	70	70	90	100	60	80	
Grupo2 (n=10)	6;5 - 7;1	50	40	80	100	80	80	
Grupo3 (n=10)	9;4 - 10;2	50	50	100	100	70	90	
Adultos (n=15)	21 - 35	20	73	86	100	100	93	

Da observação do quadro acima ressaltam três aspectos. Por um lado, que o 'encontro' propriamente dito (passo 4) é, mais do que o final da história 'regresso a casa' (passo 6), o factor que constrói, de facto, o desfecho ou sentido natural da história. O passo 4 é representado na totalidade dos recontos, por todos os grupos de sujeitos. O 'encontro', aliás, aparece, na grande maioria dos recontos, como consequência da procura no local certo (passo 3). No entanto, em função da representação inferior dos passos 5 e 6 nos recontos de todos os grupos, parece-nos que os narradores ficam com dois problemas por resolver. Por um lado, perante o conjunto familiar das rãs encontradas, como distinguir a rã inicial? Por outro lado, como lidar com a noção de 'regresso' quando não se dispõe de provas de que a rã que 'regressa' é de facto a mesma?

Se observarmos as soluções encontradas pelos sujeitos, verificamos que o sentido para 'regresso' é consequência do juízo que cada sujeito forma acerca da identidade da rã encontrada. É, em consequência desse juízo, que o sentido do 'regresso' se faz ou não. E o juízo é um dos três possíveis:

- a. A rã encontrada é a mesma que tinha fugido
- b. A rã encontrada não é a mesma que tinha fugido
- c. A identidade da rã é ambígua

Olhando agora para a distribuição dos juízos realizados, cf. Quadro 5, verificamos uma grande dispersão, sendo no entanto possível observar que nenhum adulto opta por reconhecer na rã encontrada uma identidade ambígua.

Quadro 5 - Percentagens de juízos acerca da identidade da rã encontrada e consequências no regresso a casa

Juízos e Consequências	Gr1 (n=10)	Gr2 (n=10)	Gr3 (n=10)	Adultos (n=15)
A. A rã encontrada é a mesma que tinha fugido				
A.1 é a mesma rã que volta para casa	-	30	20	27
A.2 é outra rã que é levada para casa	10	10	20	47
A.3 nenhuma rã é levada para casa	20	20	30	13
B. A rã encontrada não é a mesma que tinha fugido				
B.1 a nova rã é levada para casa	-	-	10	13
B.2 a nova rã não é levada para casa	10	-	10	-
C. A identidade da rã é ambígua				
C.1 uma rã é levada para casa	-	10	-	-
C.2 nenhuma rã é levada para casa	60	30	10	-

Uma simples leitura do Quadro 5 permite observar que as crianças mais pequenas do Grupo 1 optam preferencialmente por não assinalar o regresso a casa de qualquer rã (60% por não a identificarem e 20% pelo facto de a rã encontrada ser a mesma que tinha fugido); no Grupo 2, 60% identificam a rã como sendo a mesma mas 50% optam por não assinalarem o regresso da rã a casa; no Grupo 3, 70% identificam a rã encontrada como sendo a mesma, mas 40% não assinalam o regresso a casa; e, finalmente, 87% dos adultos identificam a rã como sendo a mesma, sendo que 47% optam por assinalar que é, no entanto, outra a rã que é levada de volta para casa. Como se vê pelo quadro, a identificação da rã encontrada como sendo a mesma do início da história está presente em todos os grupos, embora só maioritariamente a partir da faixa etária do Grupo 2. Há, portanto, uma estratégia de evitamento do seu regresso a casa, supomos que como consequência do reconhecimento das razões da 'fuga' inicial, estratégia bem representada, aliás, no grupo dos adultos, apresentando normalmente o regresso substituindo a 'Rã' por uma nova 'rã pequenina', um dos 'filhotes'. Mais aqui, a estratégia dificilmente se torna acessível aos grupos das crianças que não reconhecem sentido numa história de separação da 'família' e recusam a versão em que o menino leva a rã-mãe ou a rã-pai ou mesmo um dos filhotes, como se torna patente em dois dos recontos das crianças:

(10)

'e então deixaram a rã estar com a sua mãe. Adeus! Disse o menino. Cruá-cruá adeus! Disseram todas as rãs.' (7;0)

‘encontrou a rã e mais outra amiga ali juntos. E ele (o menino) ficou muito contente por ter visto também ali filhos das rãs. Depois ele estava ali com o cão muito contente a mandar a rã com a mão para a árvore onde eles estavam.’ (9;4)

A perspectiva já não é a mesma nos adultos, que elaboram explicações relativamente complicadas para justificarem a separação. Como se pode ler, a seguir:

(11)

‘nessa família (de rãs) encontraram a sua amiga que não gostou do ambiente onde estava e que por isso fugiu junto a um grupo de rãs. no entanto como a rã já tinha estabelecido uma amizade tão grande com eles os dois tanto com o menino como com o cão aceitou a abandonar o resto de família e voltar a viver com os seus amigos possivelmente num meio diferente daquele onde eles a tinham, ou seja, o frasco.’ (Adu 3)

‘atrás de um tronco aí estavam os sapos. Mas não era só o sapo que eles procuravam pois entretanto o sapo tinha arranjado uma amiga e não só tinham acasalado e já tinham uma grande cria. O miúdo deixou a grande família em paz, levou um sapinho para recordação e despediu-se do seu velho amigo.’ (Adu 1)

9. Algumas conclusões

A análise levada a cabo, a partir dos recontos produzidos por 30 crianças pertencentes a três grupos etários distintos e por 15 adultos, revelou que, quer focalizando a referência numa só imagem, quer estruturando-se num episódio, quer encontrando um sentido para a história na sua globalidade, as perspectivas têm lugar em função das relações espaciais que cada sujeito estabelece, no conjunto de informações a que tem acesso, no interior de cada contexto. A análise permite verificar que, de facto, os mesmos espaços de referência são diferentemente descritos, segundo a perspectiva de quem os descreve.

Ao longo do processo de desenvolvimento psicolinguístico, cada sujeito assume diferentes localizações, reconhece diferentes pontos de partida, distingue diferentes alvos, regista diferentes marcos, interioriza diferentes percursos. O processo de desenvolvimento é, ele próprio, um percurso de mudança, tornado visível pela variação registada, ao longo do tempo, na forma como se estrutura a conceptualização, nos meios utilizados para a sua verbalização, nomeadamente na adequação da progressiva complexidade do léxico de que se dispõe para a sua representação linguística.

A nosso ver, a análise realizada permite observar que o *mapeamento* não se faz entre conceito e palavra, ou entre categoria referente e categoria

linguística, mas que se organiza para a *representação entre espaços*, em função das *ligações* que o sujeito consegue estabelecer entre o plano estruturante da conceptualização e o plano estruturável da sua representação verbal. Deste modo, o mapeamento é, ele próprio, objecto de desenvolvimento, em função da progressiva disponibilização de ligações a que o sujeito pode aceder para a representação entre espaços. A descrição realizada tendo em conta os factores subjacentes a cada nível de perspectiva revela a natureza de algumas dessas ligações: o grau de *Agentividade* ou protagonismo, o *Aspecto*, o *Espaço* e a *Modalização*. Pensamos ter mostrado que a aquisição e o desenvolvimento do *Léxico* (ou a sua aprendizagem) acompanha o processo subjacente à '*gramaticalização*' dos meios de ligação, porque dele fazem intrinsecamente parte.

No que toca a capacidade de construção de sentido com base numa sequência de imagens que formam um episódio, os diferentes níveis de desenvolvimento revelam perspectivas organizadas a partir do mesmo tipo de ligações: primeiro a selecção do protagonista enquanto Agente ou Alvo, depois o aspecto intrínseco ao Espaço (localização ou movimento), a seguir a construção de uma cadeia implicacional causal, finalmente a cadeia temporal dos eventos. No episódio em referência, a representação do protagonista enquanto Alvo resulta numa perspectiva eminentemente anticausativa. A representação do protagonista enquanto Agente, contribui para uma perspectiva agencial-resultativa. Os dados revelaram que a representação agencial-resultativa aumenta com o desenvolvimento psicolinguístico dos sujeitos, enquanto as perspectivas causal e modal-resultativa deixam de estar representadas por volta dos sete anos de idade.

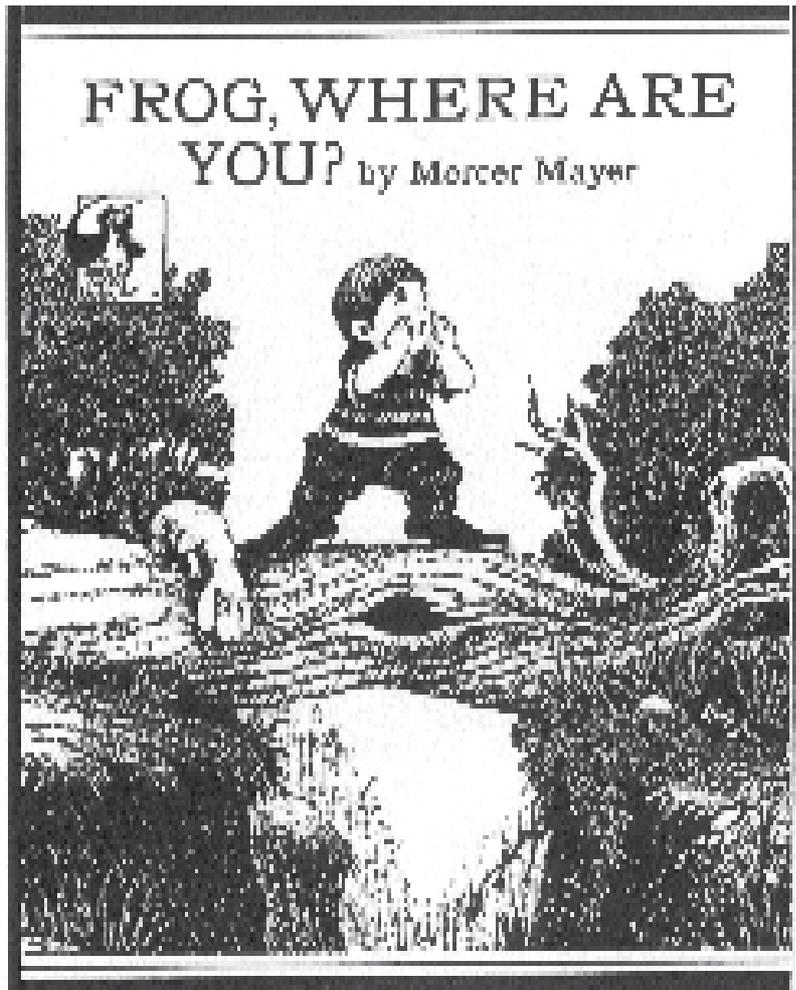
O facto de cerca de 50% dos adultos terem apresentado perspectivas anticausativas permite-nos admitir que estes sujeitos mantiveram, como protagonista do episódio, o menino e não o veado. Este aspecto revela a existência de uma só perspectiva para todo o macro episódio da '*procura*', em que o protagonista é o menino (e, por vezes também, o cão), sendo o alvo a rã. Quanto a nós, estes adultos, na sua maioria, situam-se na macro estrutura da história (fuga > procura > reencontro > regresso) e os seus protagonistas são, assim, seleccionados nessa visão macro. Nestes casos, só no final da história ('reencontro' com possível '*regresso*' a casa), é que a rã passa novamente a ser protagonista, primeiro como Alvo (do encontro), depois eventualmente como Experienciadora ('decide' ou não voltar para casa).

A representação da perspectiva a nível macro leva, aliás, a que alguns dos adultos tenham produzido recontos sintéticos, enquanto outros realizaram versões analíticas extensas. No primeiro caso, como se torna patente, a síntese deve-se à opção global de redução do conjunto de protagonistas possíveis a um ou, quanto muito, a dois protagonistas. Nesse caso, a história já não é uma série de episódios mas um só espaço estruturado a partir de uma só perspectiva.

Referências Bibliográficas

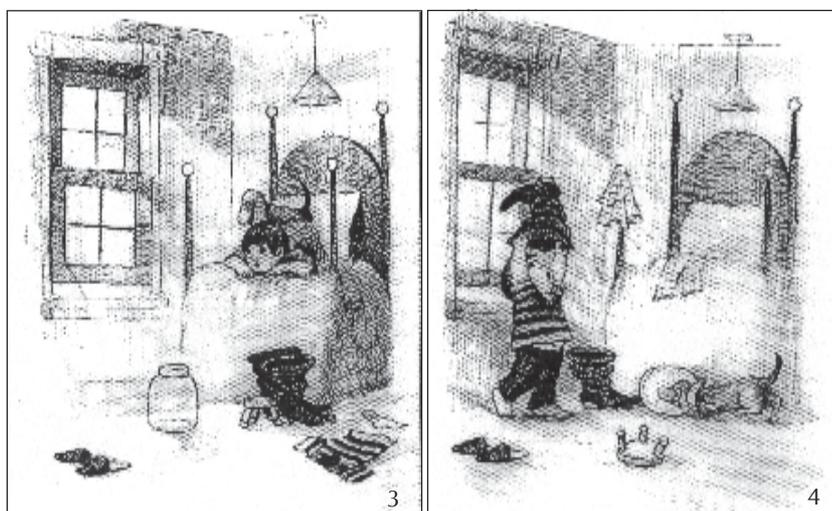
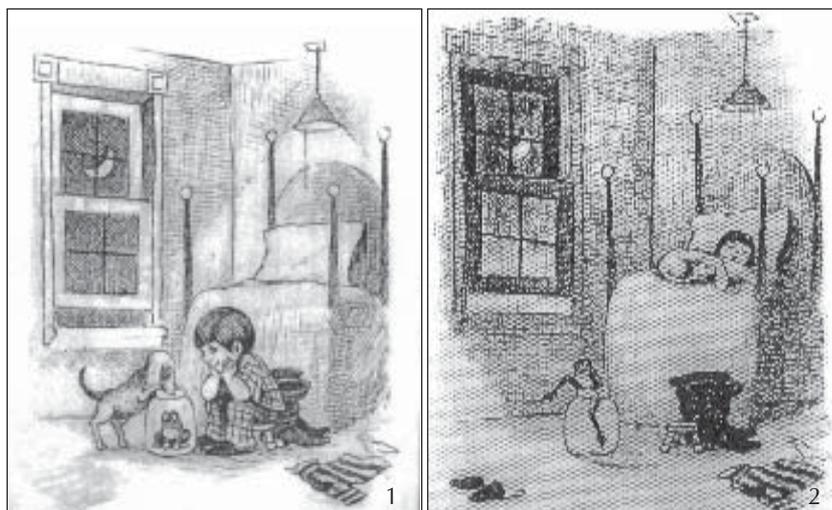
- BATORÉO, H. J., FARIA, I. H. Representation of Movement in European Portuguese. A Study of Children's Narratives. *Child Language 10*. Lawrence Erlbaum. (no prelo)
- BERMAN, R. & SLOBIN, D. I. *Relating Events in Narrative. A Crosslinguistic Developmental Study*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1994.
- FARIA, I. H. A aquisição da noção de 'agente' e a produção de sujeitos sintáticos por crianças portuguesas até aos dois anos e meio. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, v. 10, p. 16-50, 1994.
- _____. Corpus de Aquisição do Português Europeu: A Primeira Fase. *Actas do XI Encontro Nacional da APL. V.I - Corpora*. Lisboa: APL, 1996. p.165-71.
- _____. Mudança de perspectiva e desenvolvimento psicolinguístico: Um estudo de narrativas em Português Europeu. *Actas do XV Encontro Nacional da APL*. - Aveiro: APL, 1999.
- FARIA, I. H., BATORÉO, H. J. Corpus de Aquisição do Português Europeu: Base de dados CHILDES. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. V 11, p. 137-145, 1994.
- FARIA, I. H., FREITAS, M. J. (eds.). *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: APL-Edições Colibri, 1995.
- MACWHINNEY 1995. *The CHILDES project: Tools for analysing talk*. Hillsdale. 2 ed. NJ: Lawrence Erlbaum, 1995.
- MATOS, G., MIGUEL, M. FREITAS, M. J., FARIA, I. Functional Categories in Early Acquisition of European Portuguese. In SORACE, HEYCOCK & SHILLCOCK (eds). *Proceedings of the GALA'97 Conference on Language Acquisition*. Edinburgh. 1997. p. 115-120.
- SLOBIN, D. I. Cognitive prerequisites for the development of grammar. In: FERGUSON & SLOBIN (eds.). *Studies of child language development*. New York: Holt, Reinhart & Winston, 1973. p. 175-208.

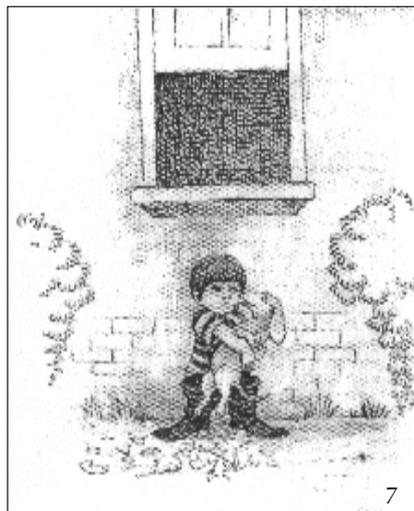
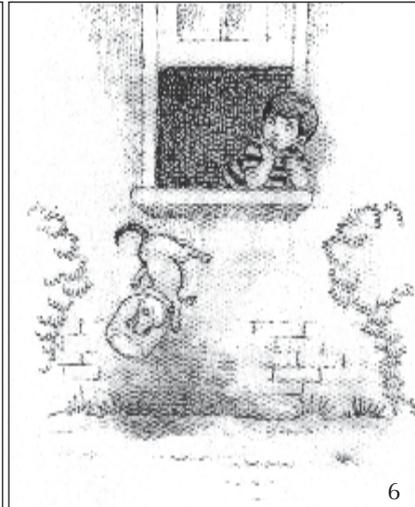
História da Rã



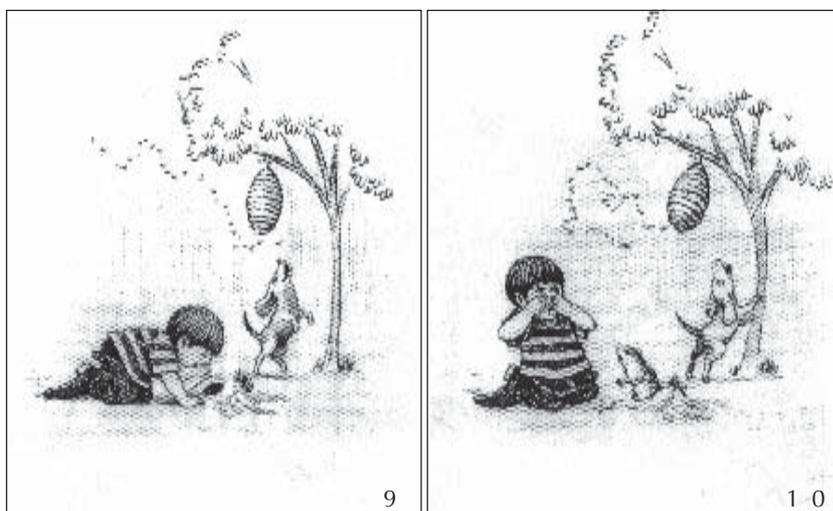
Reprodução de Mayer (1969), *Frog where are you?* Formato original 25 cm x 14,5 cm, tom sépia, uma figura dupla por página, sem texto. Numeração das imagens acrescentadas.

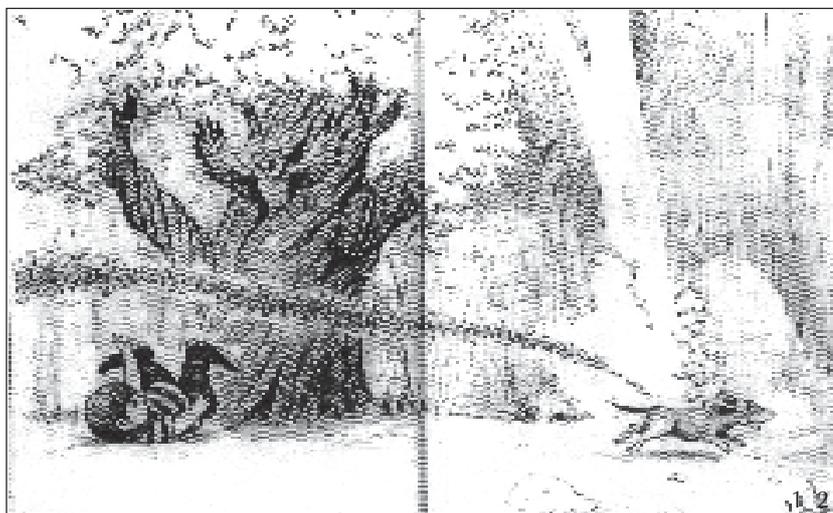
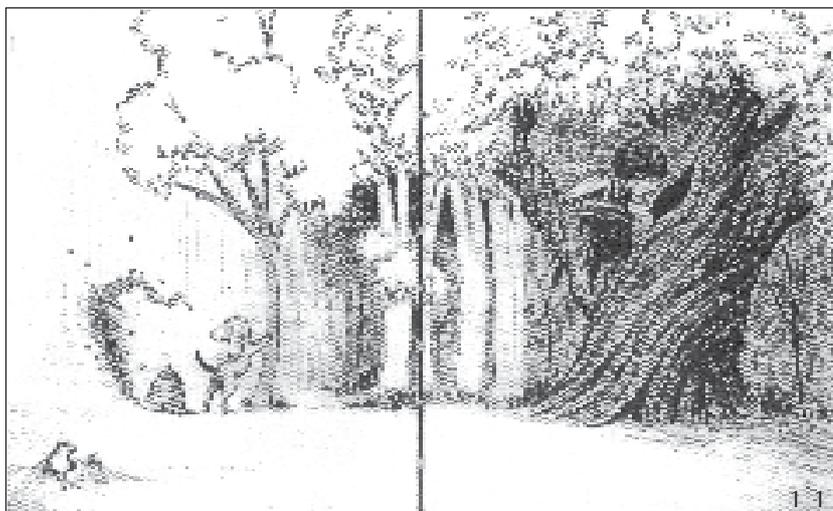
Perspectiva, complexidade lexical e desenvolvimento psicolinguístico.
Um estudo de narrativas da *História da Rã* em Português europeu



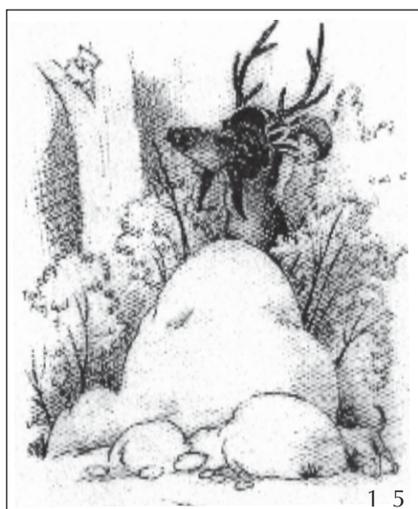


Perspectiva, complexidade lexical e desenvolvimento psicolinguístico.
Um estudo de narrativas da *História da Rã* em Português europeu





Perspectiva, complexidade lexical e desenvolvimento psicolinguístico.
Um estudo de narrativas da *História da Rã* em Português europeu





Perspectiva, complexidade lexical e desenvolvimento psicolinguístico.
Um estudo de narrativas da *História da Rã* em Português europeu

